

**CARTILHA**

# EDUCAÇÃO MIDIÁTICA, DIREITOS HUMANOS E PERIFERIAS

PESQUISA, FORMAÇÃO E AÇÕES  
COM JOVENS QUE TRANSFORMAM  
SEUS TERRITÓRIOS



informação

não é ruído,

é direito.



Confluências  
de Educação  
Popular



Associação (S)19



# PARCERIA QUE TRANSFORMA



## PARCERIA UNINDO JOVENS PERIFÉRICOS, PESQUISA CIENTÍFICA E EDUCAÇÃO POPULAR

A experiência da S19 em Educação Popular e Direitos Humanos, a organicidade territorial da Rede Confluências, somada à capacidade de pesquisa sobre internet e desinformação do Aláfia Lab resultou em um projeto de referência que une teoria e prática: Educação Midiática, Direitos Humanos e Periferias.

Juntos realizamos um conjunto de ações e pesquisas de alta qualidade, relevância social e impacto, posicionando ambas as organizações como referências em inovação metodológica e compromisso com as juventudes periféricas.

Essa união permitiu criar uma pesquisa que não apenas estuda os jovens, mas é construída com eles, garantindo que o conhecimento gerado esteja diretamente conectado com a realidade dos jovens e que seja capaz de gerar impacto nos territórios.



### **POR QUE ESTE PROJETO IMPORTA?**

Quando falamos em extensão, pesquisa e assistência estudantil, pensamos em universidades. Mas e se a gente pensasse diferente? E se a melhor assistência fosse aquela que coloca o jovem periférico, ainda fora do ensino formal superior, no centro da produção de conhecimento, transformando-o em pesquisador, multiplicador e protagonista da sua própria história?

O projeto Educação Midiática, Direitos Humanos e Periferias prova que isso é possível. Mais do que isso: é urgente. Integrar a formação de jovens pesquisadores a projetos de pesquisa não é apenas uma metodologia inovadora; é uma política de assistência estudantil que transforma vidas e territórios. Mostramos como a própria comunidade pode produzir conhecimento que muda vidas. Isso é política pública. Isso é emancipação. Isso é o futuro.

# QUEM SOMOS?



## Aláfia Lab

O Aláfia Lab é um laboratório de pesquisa e inovação, com sede em Salvador (Bahia), que se dedica a compreender e transformar as relações entre internet, comunicação e sociedade. O Aláfia atua nas áreas de:

1. Pesquisa, com a produção de conhecimento inovador sobre fenômenos na interface entre política digital e a vida cotidiana;
2. Compartilhamento de conhecimento, por meio do diálogo com a sociedade civil e de cobertura jornalística de questões ligadas ao fenômeno da desinformação; e
3. Articulação, ao impactar as decisões políticas a partir da produção ampliada de conhecimento de pesquisas aplicadas.



Emancipa Belém e Ananindeua  
Confluências de Educação Popular

## Confluências de Educação Popular

O movimento Confluências é uma rede de educação popular presente em todas as regiões do Brasil. Ela atua na transformação social a partir da organização territorial, construindo cursinhos pré-universitários, núcleos de cultura e direitos humanos, além de atuar em pautas democráticas. São mais de 30 núcleos espalhados pelo país, colocando a periferia no centro do debate.

# QUEM SOMOS?

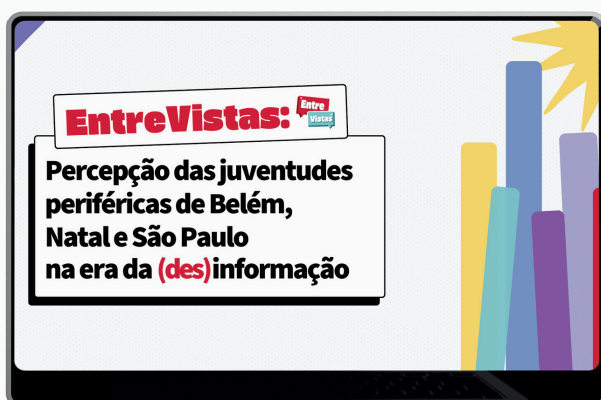
Associação  
**(S)19**

## Associação 19 de Setembro

A Associação 19 de Setembro (S19) é uma organização da sociedade civil com atuação nacional que desenvolve e executa projetos de impacto socioterritorial. Sua atuação combina educação popular, cultura e direitos humanos, estruturando-se a partir da articulação política, formação continuada, presença territorial ativa e produção de conhecimento aplicado.

Além da execução de iniciativas diretas — como núcleos formativos, cozinhas solidárias e espaços de atendimento comunitário —, a S19 atua fortemente na sistematização e replicabilidade de experiências.

Projetos como o Educação Midiática, Direitos Humanos e Periferias evidenciam o compromisso da organização em formar lideranças locais e produzir pesquisas, artigos e metodologias replicáveis que qualificam o debate público e fortalecem a participação democrática no Brasil.



**Confira o relatório completo:**



# PERCORRENDO A CARTILHA



## **METODOLOGIA INOVADORA:**

Na primeira parte, detalhamos como a pesquisa e a formação crítica foram utilizadas pelos 15 jovens estudantes para investigar seus próprios territórios, atuando como sujeitos ativos na produção de conhecimento.



## **DADOS QUE AS JUVENTUDES REVELAM:**

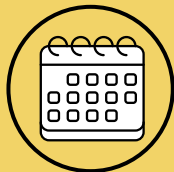
Na segunda parte, apresentamos dados e depoimentos sobre hábitos digitais e os desafios das juventudes na era da desinformação. Para se aprofundar mais sobre essa análise, temos o relatório completo: *EntreVistas: Percepção das juventudes periféricas de Belém, Natal e São Paulo na era da (des)informação.*



## **MÃO NA MASSA:**

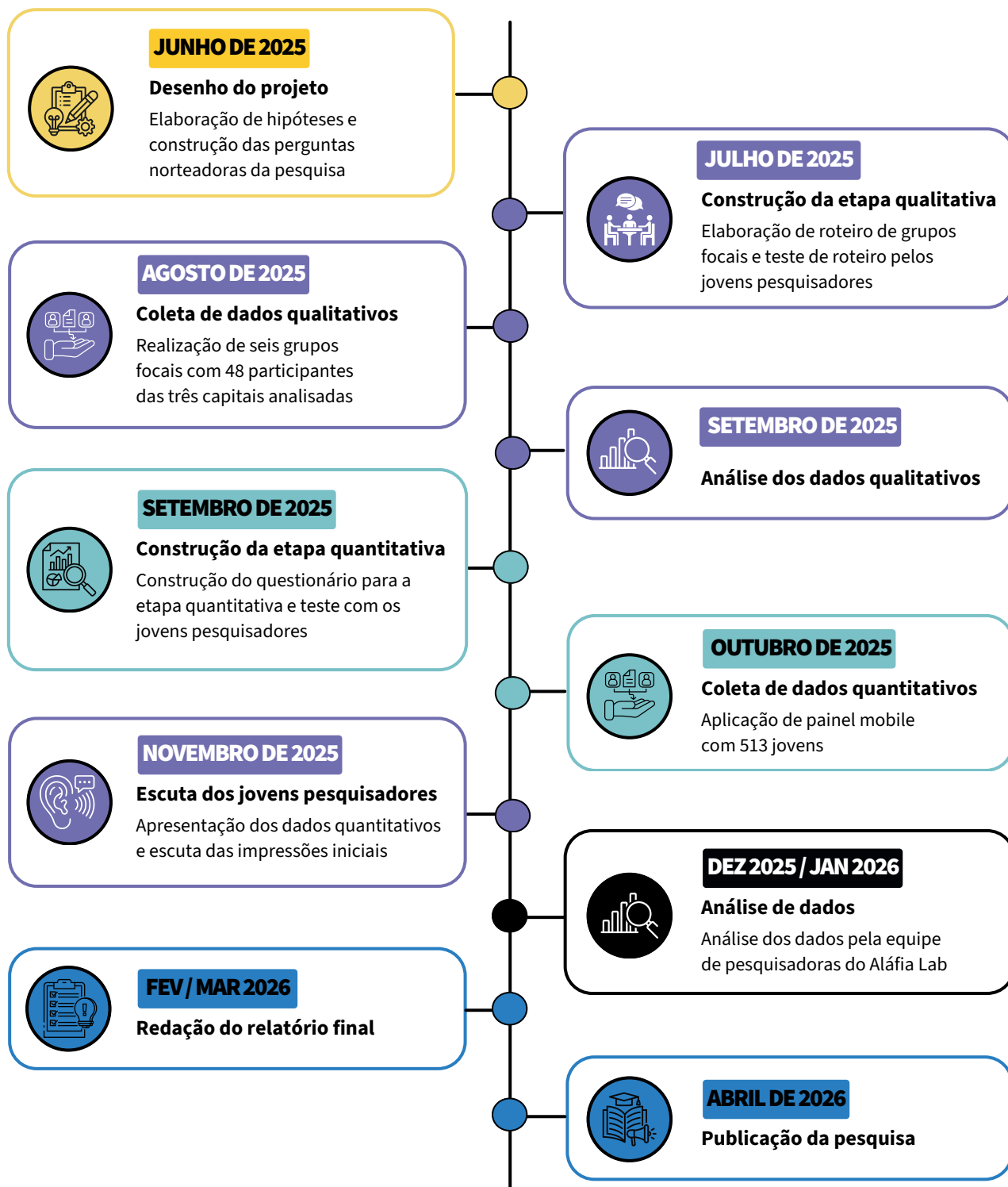
No decorrer da Cartilha elaboramos atividades práticas, como o “Mutirão da Verdade” e “Detetives das Narrativas”, desenhadas para facilitar debates sobre educação midiática e checagens coletivas de conteúdos a partir de abordagens em diferentes grupos e territórios.

# A LINHA DO TEMPO DA PESQUISA



## DE JULHO A NOVEMBRO DE 2025

Formações e construção coletiva



# 1. FORMAR PESQUISADORES NOS TERRITÓRIOS: UM PROJETO DE EMANCIPAÇÃO

Para entendermos a realidade das juventudes periféricas acerca da desinformação, não poderíamos usar um método tradicional. Nesta construção coletiva, a experiência de quem vive nos territórios se une ao rigor e aos métodos científicos.

**INOVAÇÃO METODOLÓGICA: A FORÇA DA PESQUISA CONSTRUÍDA PELOS PRÓPRIOS JOVENS**



A grande inovação do EntreVistas foi tratar os jovens não apenas como “objetos” de estudo, mas como sujeitos ativos e protagonistas que produzem conhecimento sobre as dinâmicas de circulação de informação.



## **JOVENS PESQUISADORES E COORDENADORES TERRITORIAIS:**

15 estudantes e 4 coordenadores territoriais de cursinhos populares pré-vestibular das cidades de Belém, Natal e São Paulo atuaram diretamente na pesquisa. Os jovens foram chamados para fazer as perguntas, pensar coletivamente e pesquisar.



## **PROCESSO DE FORMAÇÃO:**

Durante o segundo semestre de 2025, esses jovens participaram de 16 encontros online conduzidos pelo Aláfia Lab, S19 e Confluências. Eles receberam treinamento para serem multiplicadores no combate à desinformação e na elaboração de pesquisa científica. As formações envolveram temáticas sobre plataformas digitais, desinformação e Inteligência Artificial, além de ensiná-los a realizar ciência na prática, desde a criação de hipóteses até a análise de dados.



## **POTÊNCIA DA PESQUISA A PARTIR DO CONHECIMENTO TERRITORIAL:**

Os estudantes ajudaram a construir o desenho da pesquisa e realizaram “pré-testes” nos roteiros das perguntas e entrevistas para garantir que a linguagem fosse adequada à própria realidade dos jovens. Cada um trouxe sua vivência, seus conhecimentos e suas perguntas sobre como a desinformação circula no bairro onde mora, na instituição onde estuda e no grupo de amigos em que confia. Após a coleta dos dados, eles também compartilharam suas impressões, ajudando a interpretar o que os números diziam sobre seus territórios.

## RIGOR CIENTÍFICO:

### QUALIDADE NA ESCUTA ATIVA DOS TERRITÓRIOS

- **Territórios engajados:** O projeto se desenvolveu em parceria com a rede Confluências de Educação Popular e contou com o engajamento de coordenadores e alunos de seus cursinhos.
- **Equipe de especialistas:** O estudo foi feito com a participação direta das pesquisadoras do Aláfia Lab, um laboratório referência em comunicação, internet e sociedade.
- **Parceria com o Instituto IDEIA:** A coleta de dados foi realizada pelo Instituto IDEIA, referência em pesquisa de opinião no Brasil, o que garante a precisão técnica e a representatividade estatística de cada dado apresentado.

## ABORDAGEM METODOLÓGICA MÚLTIPLA EM 3 ETAPAS:

- 1 **ETAPA COLABORATIVA:** Utilizamos a pesquisa-ação no envolvimento dos 15 jovens como pesquisadores ativos, participando de todas as etapas, desde a criação das perguntas até a análise dos dados.
- 2 **ETAPA QUALITATIVA:** Realizamos 6 grupos focais com 48 participantes (moradores da periferia de Natal, Belém e São Paulo entre 17 e 29 anos das classes C, D e E, ) em julho/ agosto de 2025 para ouvir opiniões sobre 5 grandes temas: (1) Perspectivas e preocupações de viver no Brasil, (2) Hábitos de consumo de informação, (3) Desinformação, (4) Educação Midiática e (5) Inteligência Artificial.
- 3 **ETAPA QUANTITATIVA:** Aplicamos um questionário nacional (survey) com 513 jovens das três capitais em outubro de 2025, garantindo que os resultados tivessem peso estatístico. A pesquisa focou em jovens de 18 a 29 anos, das classes C, D e E, moradores de Belém, Natal e São Paulo, que buscam entrar na faculdade. Segurança da coleta: todos os dados foram anonimizados, seguindo as melhores práticas de ética em pesquisa.

# O QUE É SER PESQUISADOR

## NA PERIFERIA?

**Formação:** A periferia tem expertise e deve estar no centro da produção de conhecimento. Não é necessário um diploma para questionar a realidade. A experiência de vida é um dado válido e essencial. Ao investigar as razões pelas quais as pessoas acreditam em golpes ou desinformação, o jovem está fazendo ciência e produzindo conhecimento de forma singular e insubstituível.

**Empoderamento:** Formar jovens como pesquisadores não é apenas dar-lhes um certificado ou uma bolsa auxílio. É dar-lhes poder. É transformá-los em multiplicadores.



### ESSE INVESTIMENTO EM FORMAÇÃO, EMPODERAMENTO E ACOLHIMENTO TRAZ RESULTADOS CONCRETOS:

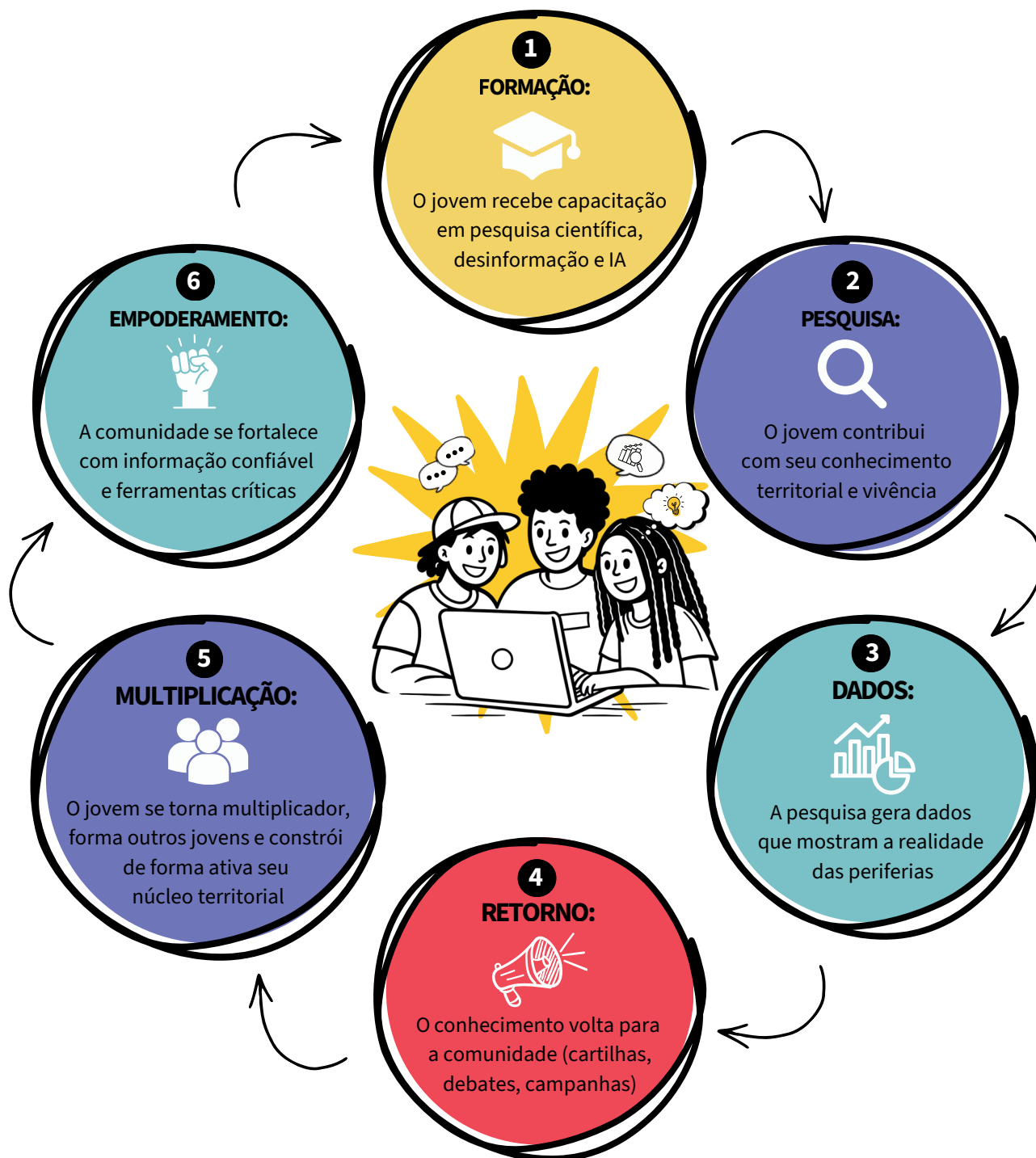
*75% dos bolsistas do projeto foram aprovados em universidades federais ou conquistaram bolsas integrais em instituições particulares. A assistência, neste formato, atua como porta de entrada para oportunidades que transformam trajetórias.*

*"Trabalhar com esses jovens pesquisadores confirmou a aposta desse projeto: que a periferia tem expertise e que quando você coloca o jovem no centro da produção de conhecimento, ele não apenas aprende — ele transforma. Eles trouxeram questionamentos que enriqueceram profundamente a análise, garantindo que a pesquisa não perdesse o vínculo com a realidade vivida nos territórios. Além disso, seu engajamento junto ao projeto coletivo do cursinho aumenta e o compromisso com seu plano individual - acessar o ensino superior - se fortalece."*

**- Danilo Prisco - S19**

# O CICLO DO TRIPÉ:

## ENSINO, PESQUISA E MOBILIZAÇÃO



**DO JOVEM PARA A COMUNIDADE,  
E DA COMUNIDADE PARA O JOVEM**

*Conhecimento que circula, transforma e multiplica*

## 2. DADOS DO RELATÓRIO ENTREVISTAS: PERCEPÇÃO DAS JUVENTUDES PERIFÉRICAS DE BELÉM, NATAL E SÃO PAULO NA ERA DA (DES)INFORMAÇÃO

### REDES SOCIAIS COMO PORTA DE ENTRADA PARA INFORMAÇÃO

A pesquisa desenvolvida com a colaboração dos estudantes bolsistas trouxe dados importantes para a compreensão dos hábitos e conhecimentos dessa população específica — jovens entre 17 e 29 anos, moradores de Natal, Belém e São Paulo, das classes C, D e E — dentro do ecossistema informacional.

**54% dos jovens usam as redes sociais para se informarem.** Elas são, disparadas, a fonte mais acessada por eles — a televisão fica em segundo lugar com 32%, abaixo da média entre os brasileiros, que é de 52%. A diferença de hábitos também se revela em outros dados: enquanto a média de consumo de informações via chatbots de IA é de 10%, entre os jovens esse número salta para 23%.

*“Ela [a IA] veio para facilitar muito a vida, ela ajuda a buscar informações e fazer relatórios.”*

**- Mulher, 25 anos, São Paulo**

**Dentro das redes, o Instagram é a plataforma preferida: 66% dos jovens se informam via Instagram.** No entanto, há um paradoxo: apesar de ser a fonte mais utilizada, apenas 39% acreditam que as redes são fontes confiáveis de informação.

*“A linha de frente que eu recebo informações, notícias, é mais Instagram, pela internet, que é onde eu mais tenho uso constante (...) Eu não costumo confiar no Instagram, especificamente, eu não costumo confiar naquelas páginas de fofoca que adoram falar um monte sobre famosos, o que aconteceu.”*

**- Homem, 20 anos, Belém**

**MÃO NA MASSA!**

### **ENSINANDO A LER AS REDES**

Ensine os jovens a “ler” as redes - Em vez de focar apenas em proibir ou limitar o uso das redes sociais, incentive-os a desenvolver um olhar crítico sobre como essas plataformas funcionam. Discutir como conteúdos circulam, ganham visibilidade e constroem credibilidade pode ajudar os jovens a compreender melhor por que certas informações parecem confiáveis.

# COMO OS JOVENS VEEM A DESINFORMAÇÃO E AS FAKE NEWS

O contato dos jovens com desinformação é frequente: 69% dos jovens encontram informações falsas com frequência, número que sobe para quase 90% se considerarmos os que alegam ver desinformação “às vezes”. Da mesma forma é praticamente unânime o conhecimento das expressões “desinformação” e/ou “fake news”. Apenas 7% dos jovens não conhecem as expressões “desinformação” e/ou “fake news”. Ao serem perguntados sobre o significado das expressões, as respostas são variadas. Alguns acreditam ser a mesma coisa, outros tentam explicar.

## ENTENDENDO CONCEITOS

**Fake news:** é “um tipo específico de informação inverídica apresentado como histórias presumidamente factuais, porém comprovadamente falsas, produzidas com a intenção de serem distribuídas como notícias de última hora nos ambientes digitais” (Dourado, 2021).

**Desinformação:** pode ser entendida dentro de uma desordem informacional mais ampla, que inclui outras estratégias de engano e pode ser considerada como uma “informação falsa deliberadamente criada ou disseminada com o objetivo expresso de causar dano” (Wardle; Derakshan, 2017).

## MÃO NA MASSA!

### “ISCAS DIRECIONADAS”

A desinformação não é aleatória — ela usa temas e emoções específicas para atingir públicos diferentes. Reconhecer essas estratégias nos ajuda a criar defesas mais eficientes e personalizadas.



#### COMO FAZER:

- **Apresente ao grupo manchetes (falsas e verdadeiras)** sobre temas variados: saúde, estética, segurança, política.
- **Peça para classificarem:** “Quem clicaria mais nesta notícia?” e “Qual emoção essa manchete tenta provocar (medo, raiva, esperança)?”



#### DEBATE:

- **Identificar os gatilhos emocionais que a desinformação usa para nos enganar**, buscar como as estratégias em desinformação podem explorar desigualdades de gênero, raça e acesso à educação.

### NORMALIZE A CONVERSA SOBRE DESINFORMAÇÃO

A desinformação não é apenas resultado de escolhas individuais, mas de um ambiente informacional complexo. Em sala de aula, é importante criar um espaço seguro para que os estudantes possam compartilhar dúvidas, reconhecer erros e discutir como lidam com informações no dia a dia, sem medo de julgamento.

# A DESINFORMAÇÃO É UM PROBLEMA?

Para 78% dos jovens, a desinformação é um problema para a sociedade.

Entre os maiores riscos avaliados pelos jovens estão influenciar decisões políticas, aumentar a intolerância e fortalecer grupos extremistas. O descrédito das instituições foi, entre os riscos listados, aquele para os jovens com menor impacto, ainda que mais de 50% acreditem que a desinformação tenha um alto dano neste segmento.

39% dos jovens não votaram ou não informaram o voto na última eleição presidencial.

A desinformação política afeta diretamente a vida dos jovens em diferentes aspectos (emprego, educação, segurança) e a desinformação pode amplificar a sensação de que o sistema político não funciona para eles.

Os jovens também relataram, nas entrevistas, a forte relação entre desinformação e golpes na internet e as consequências disso.

## MÃO NA MASSA!

### “EU JÁ CAÍ, E VOCÊ?”

Cair em desinformação não é falta de inteligência — é consequência de um sistema feito para enganar. Normalizar esse erro cria um espaço seguro onde todos podem aprender juntos.



#### COMO FAZER:

- **O facilitador começa contando uma história inofensiva de um golpe em que já caiu** *(por exemplo, uma promoção falsa de comida).*
- Depois, **os participantes escrevem anonimamente em papéis informações falsas em que já acreditaram.** Misture os papéis e leia-os em voz alta.



#### DEBATE:

- Como o grupo reage ao ver que quase todo mundo já foi enganado?
- Que emoções surgem?
- Isso muda a forma como pensamos sobre desinformação?

# COMO OS JOVENS REAGEM À DESINFORMAÇÃO?

Ao se depararem com uma informação que parece ser falsa, uma quantidade ínfima dos jovens diz compartilhar mesmo assim (2%) e 16% afirmam não fazer nada com este conteúdo — nem repassam, nem reportam e nem verificam.

*“Eu não vou mentir, não, ignoro... Não denuncio, eu não faço nada, só arrasto acima.”*

**- Homem, 24 anos, Belém**

Ainda assim, 28% dos jovens afirmam que reportam o conteúdo à plataforma e 24% bloqueiam o perfil que disseminou a informação.

**48% dos jovens afirmam que buscam checar a informação.**

Apesar de essa busca ser grande — é a atitude mais mencionada por eles —, 72% dos jovens não se sentem seguros para identificar uma informação falsa.

Quando perguntados como eles fazem essa identificação, 57% deles dizem que percebem erros na publicação e 51% veem comentários no post que alerta para a falsidade, o que demonstra o uso de experiências de terceiros para fortalecer essa checagem “comunitária”.

*“Quando eu fico muito em dúvida se realmente é ou não, eu acabo por olhar comentários de outras pessoas, mas nem sempre levando tudo como uma verdade”*

**- Homem, 18 anos, São Paulo**

Além disso, os jovens relatam também os caminhos que percorrem para atestar a veracidade do fato, que vão desde mecanismos de busca a sites jornalísticos.

*“Eu pesquiso lá no Google e aí a partir do Google eu vou pra sites conhecidos. G1, Estadão, sites assim.”*

**- Mulher, 25 anos, São Paulo**

## MÃO NA MASSA!

### **MUTIRÃO DA VERDADE: PRATICAR A CHEGAGEM COLETIVA DE FATOS**

Cair em desinformação não é falta de inteligência — é consequência de um sistema feito para enganar. Normalizar esse erro cria um espaço seguro onde todos podem aprender juntos.



#### COMO FAZER:

- **Traga para o encontro 3 links ou prints de WhatsApp que estejam circulando no bairro,** na cidade ou no país naquela semana.
- **Divida os participantes** em pequenos grupos.
- A missão deles é, **usando os próprios celulares durante 15 minutos, descobrir se a informação é real, falsa ou exagerada.**
- **Eles devem usar ferramentas de busca e checar** os comentários para validar.



#### DEBATE:

- Cada grupo apresenta **como chegou à conclusão**
- **Era real, falsa ou exagerada?**
- **Qual método ajudou** a descobrir mais rápido?
- A checagem é mais rápida e eficiente quando feita em conjunto?

# E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL?

**44% dos jovens acreditam que a IA contribui mais para a produção e disseminação de fake news**, enquanto 17% acreditam no contrário: que a IA contribui mais para o combate a essas informações falsas.

“A IA não parecia muito real, e é bizarro porque em pouco tempo avançou muito, tá muito realista. Muita gente cai. Eu já caí algumas vezes. Idosos e crianças caem. E isso em época de eleição pode causar muitos danos”

**- Mulher, 17 anos, São Paulo**

A visão mais pessimista dos jovens em relação à tecnologia reflete suas próprias experiências. Apenas 10% nunca receberam conteúdos gerados por IA, e apenas 30% afirmam conseguir identificá-los com facilidade. Ao destacarem o que ajuda na identificação, 40% dos jovens afirmam que o que denuncia o conteúdo são os erros de continuidade nas imagens e vídeos — embora esses erros venham diminuindo conforme a tecnologia avança.

**MÃO NA MASSA!**

## **“DETETIVES DAS NARRATIVAS”**

Com as IAs cada vez mais sofisticadas, procurar "mãos com seis dedos" ou áudios robóticos já não basta. Precisamos focar na análise do discurso, na intenção de quem publica e no contexto da informação.



### **COMO FAZER:**

- **Apresente uma imagem ou texto gerado por IA e avise logo que é falso.**
- **Em vez de perguntar “como sabemos que é falso?”**, pergunte:
- “Por que alguém criaria isso?”
- “Quem se beneficia?”
- “Que preconceito essa imagem tenta reforçar?”



### **DEBATE:**

- A melhor defesa contra IAs indetectáveis é questionar o contexto e a intenção da mensagem, não apenas procurar falhas técnicas.

# DEMANDA POR EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

Como respostas à desinformação, os jovens elegem a responsabilização individual como primeiro caminho: 25% apoiam leis mais rígidas de punição, e 19% defendem que cada pessoa cheque a fonte antes de compartilhar.

*“Eu acredito que deveria ter uma punição, criar alguma lei contra esse combate da fake news para ser levado também mais a sério, porque sem essa lei, o pessoal não leva muito a sério”*

**- Mulher, 17 anos, São Paulo**

A ideia da educação também está presente entre as saídas mais apontadas como prioritárias: 20% acreditam que a educação digital é a melhor forma de combater a desinformação, e 72% veem a educação midiática como importante ou muito importante.

## ENTENDENDO CONCEITOS

Educação Midiática é uma forma de aprender e analisar criticamente informações; produzir conteúdos com responsabilidade; e participar com mais consciência do ambiente informacional e midiático (ex: redes sociais e outros) [*The National Association for Media Literacy Education*].

*“O pessoal se digitalizou antes de se alfabetizar, é importante ter o letramento, como faz isso, ajudar, as pessoas receberam o celular mas não receberam as instruções. Meu filho tem aula de informática e ele até me ensina umas coisas”*

**- Mulher, 28 anos, São Paulo**

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Esse documento não é apenas um apanhado estatístico ou um guia de atividades; é um chamado à ação. Ele valida e reforça a necessidade urgente de uma construção profunda e de longa duração nos territórios periféricos brasileiros.**

As atividades, debates e metodologias propostas nesta cartilha são apenas o ponto de partida. A partir daqui, o desafio é multiplicar esse conhecimento. É levar essas dinâmicas para a roda de conversa do cursinho, para a reunião da associação de moradores, para o grupo de jovens e para dentro de casa.

***A educação midiática não é apenas sobre identificar o que é falso; é sobre garantir o direito à informação verdadeira, segurança e democracia.***



**INFORMAÇÃO É PODER.  
COMPARTILHAR  
CONHECIMENTO É  
TRANSFORMAR REALIDADES.**



*Esse projeto foi financiado por meio de emenda parlamentar destinada por Erika Hilton e executada a partir de termo de fomento estabelecido com o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania.*

# Ficha editorial

**Abril, 2026**

## **Associação 19 de Setembro**

**Coordenador Geral:** Danillo Rotta Prisco Antunes

**Coordenadora Mobilização:** Tatiane Cristina Ribeiro

**Coordenador Comunicação:** Guilherme Liberatti  
de Almeida Prado

**Coordenadora Territorial Belém:** Raissa Pimentel Costa

**Coordenadora Territorial São Paulo:** Jennifer Canete Ribeiro

**Coordenador Territorial São Paulo:** Elcio Ferreira Albiach

**Coordenadora Territorial Natal:** Maria Eduarda Oliveira Victor

## **Aláfia Lab**

**Direção Executiva:** Maria Paula Almada e Rodrigo Carreiro

**Coordenação de Pesquisa:** Vivian Peron

**Coordenação de Comunicação Estratégica e Inovação:**

Liz Nóbrega

**Pesquisadoras:** Ellen Guerra e Lorena Abbas

## **Apoio:**

### **Levantamento de dados:**

Instituto de Pesquisa IDEIA

### **Redação da cartilha:**

Danillo Prisco, Liz Nóbrega e Vivian Peron

### **Revisão da cartilha:**

Ellen Guerra e Lorena Abbas

### **Projeto Gráfico e diagramação:**

Gabriel Tourinho

## **Pesquisadores:**

**São Paulo:** Bruna Domingues Amaral, Iasmin dos Santos Abreu, Mariana dos Santos, Fernandes Souza Zavataro, Sarah Nicoly Soares Dos Santos, Yasmim Fernandes de Souza

**Natal:** Arlanda Thays Souza Oliveira, Geovana Oliveira Teixeira da Silva, Letícia Brito Maciel, Marcos Vinícius Sena da Silva, Michelle Monteiro de Souza Pinto

**Belém:** Beatriz Müller Avellar Neves, Maria Clara Amaral do Nascimento, Letícia da Silva Carneiro, Letícia Pinheiro da Costa, Samara Regina Gomes Sena



**Entre**

**Vistas**